



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Mediatização e a formação da ‘Antissociedade’ segundo Paul Virilio¹ **Mediatization and the Formation of ‘Anti-Society’ according to Paul Virilio**

Kaíque Agostineti²

Tiago Quiroga³

Resumo: O artigo discute o protagonismo da mediatização no incremento ao que Paul Virilio denominou a produção de *antissociedade*. Trata-se da configuração de regimes de poder, calcados em infraestrutura info-comunicacional, que situa o medo e o terror na base do esvaziamento político das cidades. Problematiza-se um tipo de performance comunicacional que realça a urgência das denúncias de todo movimento suspeito, a proliferação dos sistemas de vigilância, a militarização da vida cotidiana, o crescimento dos processos higienistas, a instauração, enfim, não apenas da desconfiança no cerne das sociedades contemporâneas, mas de um verdadeiro *estado de emergência* em que a *administração do medo* converte-se em importante forma de totalitarismo na atualidade, dificultando o nascimento de espacialidades comuns capazes de *produzir* sociedade.

Palavras-chave: Mediatização; Antissociedade; Paul Virilio.

Abstract: This article discusses the prominence of mediatization in the development of what Paul Virilio denominated the production of *anti-society*. It deals with the configuration of power regimes, ensconced in an info-communicational infrastructure that situates fear and terror on the base of the political emptying of the cities. It

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Doutorando do PPGCom da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Mestre em comunicação pelo PPGCom da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Discente do curso de filosofia da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás. E-mail: kaiqueagostineti@gmail.com;

³ Professor da Faculdade de Comunicação (FAC), Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutorado [2017-2018] Interdisziplinäre Zentrum für Historische Anthropologie, Freie Universität (FUB), Berlim, Alemanha. E-mail: tagorj@terra.com.br



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

problematizes a type of communicational performance that highlights the urgency to report all suspect activity; a proliferation of surveillance systems; a militarization of daily life; the growth of hygienist processes; and the installation, finally, of not only mistrust at the core of contemporary societies, but also a true *state of emergency* where the *administration of fear* is converted into an important form of current totalitarianism, rendering difficult the birth of the common spatiality capable of *producing* society.

Keywords: Mediatization; Anti-society; Paul Virilio.

1 Introdução: Os Antissociais

No dia 15 de março de 2019, por volta das 13h40 no horário local, Brenton Tarrant estacionou seu carro ao lado da mesquita de Al Noor, na cidade de Christchurch (Nova Zelândia), desceu do veículo portando várias armas e começou a disparar contra as pessoas que entravam em seu campo de visão. O ataque se estendeu à mesquita de Lindwood e resultou em 49 mortes; um massacre anunciado e transmitido em tempo real na internet, em redes sociais como o Facebook (Folha de São Paulo, 14 de Março de 2019).

Minutos antes, Tarrant avisou seus seguidores que realizaria e transmitiria ao vivo seu ato sanguinolento, disponibilizando também um endereço virtual para acesso a seu manifesto intitulado *The Great Replacement*. Nele, o assassino busca explicar os porquês de sua ação perversa: ele constrói a premissa de que a imigração muçumana e as altas taxas de natalidade no interior desse grupo estariam substituindo, de maneira propositada, em todo o mundo, a etnia, a raça e a cultura europeia, provocando um tipo de genocídio branco (Tarrant, 2019). Por isso, o terrorista se autoproclama um *partisan* na luta contra os invasores dos países étnico e culturalmente europeus, tentando garantir a existência de seu povo e o futuro para as crianças brancas (*Ibidem*).

Nesse manifesto, o assassino afirma ainda sua inspiração nas ações e ideias do “cavaleiro justiciar Breivik” (*Ibidem*, p. 18; tradução nossa). Tarrant se refere, portanto,



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

a Anders Breivik, terrorista responsável por dois ataques que ocorreram na Noruega no dia 22 de julho de 2011. Breivik planejou e executou um atentado à bomba no centro de Oslo e o massacre dos jovens integrantes do Partido Trabalhista Norueguês na ilha de Utøya (Buskerud). Os ataques resultaram nas mortes de 77 pessoas; Breivik foi preso e condenado à pena de 21 anos de prisão (O Globo, 18 de novembro de 2011).

Nesse mesmo dia, o assassino também publicou na internet um manifesto com o título de *2083: An European Declaration of Independence*, no qual expressa seu ideário assumidamente conservador, nacionalista, islamofóbico, racista e misógino, atacando o que afirma ser a origem da suposta degenerescência europeia e a causa da islamização do continente: o marxismo cultural e o politicamente correto promovidos por partidos de esquerda, empresas e universidades, que engendrariam o multiculturalismo e, por conseguinte, protegeriam e estimulariam a invasão e o empoderamento mulçumano na Europa, provocando o risco de uma colonização às avessas (Breivik, 2011). O terrorista diz que os europeus “(...) têm apenas algumas décadas para consolidar um nível suficiente de resistência antes que [suas] principais cidades sejam tomadas demograficamente pelos mulçumanos” (*Ibidem*, p. 09; inserção e tradução nossas). Para ele, a distribuição de seu manifesto poderia ser a única maneira de prevenir a sociedade europeia contra a futura escravidão sob as leis do Islã.

Esses dois casos com traços perturbadoramente comuns nos remetem a um dos ícones da perversidade na década de 1960, Charles Manson. A trajetória de vida desse assassino se confunde de diversos modos com uma espécie de lado B da história dos Estados Unidos – uma mistura perversa das personagens de Bukowski e King.

Manson nasceu em 12 de novembro de 1934, em Cincinnati (Ohio, EUA). Filho de pai ausente e mãe presidiária, ele praticou durante sua infância e juventude assaltos e cafetinagem. Viveu a maior parte de sua vida transitando entre reformatórios e prisões; pouco se dedicou aos estudos, exceto às estratégias de convencimento ensinadas nos cursos de Dale Carnegie e ao que ouvia dos cientologistas enquanto esteve nas penitenciárias; ouviu e se impressionou com os Beatles e decidiu que queria ser um músico famoso; aprendeu a tocar violão e começou a compor suas próprias canções.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Manson esteve em Berkeley (Califórnia) no interim da efervescência do movimento estudantil e dos Panteras Negras e, em São Francisco, na época da proliferação do LSD e do aparecimento da geração Hippie. Se autoproclamou guru e começou a atrair seguidores nos parques do Haight, utilizando-se de sua grande eloquência e dramaticidade; pregava palavras de paz, amor livre e renúncia ao individualismo, mas agia para conquistar mulheres adolescentes e jovens de classe média com algum dinheiro, cartões de crédito e sérios problemas familiares; explorava-as sexualmente e financeiramente, oferecendo-as a seus amigos em troca de favores ou oportunidades de se lançar como músico; formou seu séquito, a *Família Manson*. Se mudou para Los Angeles no tempo do agravamento das tensões raciais e da segregação urbana; conseguiu contatos em grandes gravadoras, mas sempre falhou terrivelmente; se aproximou de estrelas do rock, planejando se catapultar à fama, mas nunca conseguiu, senão de outra forma... (GUINN, 2014).

No ano de 1970, “Charlie” se tornou mundialmente famoso ao protagonizar o espetáculo midiático de seu próprio julgamento. Ele era acusado pelo homicídio de seis pessoas, incluindo Sharon Tate, atriz em ascensão que estava grávida e era esposa do diretor de cinema Roman Polanski. O assassino tentaria empregar seu talento teatral e persuasivo para manipular o tribunal de modo a fazer com que outros membros da *Família* assumissem inteiramente a culpa e o livrassem da prisão e da pena de morte. A promotoria contava, por sua vez, com os testemunhos de alguns dissidentes do grupo que o abandonaram após a escalada de violência. Desse modo, os acusadores buscavam incriminar Manson como mandatário dos assassinatos cometidos por Tex Watson, Susan Atkins, Pat Krenwinkel e Leslie Van Houten. Por mais estranha que parecesse aos ouvidos públicos, a tese da promotoria era a de que os crimes foram cometidos a mando de Charlie com o intuito de iniciar uma guerra racial, ao implantar evidências com o objetivo de incriminar os Panteras Negras. Para ele, os assassinatos seriam o início dos eventos que resultariam no *Helter Skelter*, sua visão do apocalipse, que foi disseminada em seus sermões para os membros da *Família* (*Ibidem*).

Em 1968, os *Beatles* lançaram seu décimo disco, *The White Album*. Manson, um fanático admirador da banda inglesa, não apenas ouviu repetidamente todas as músicas,



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

como considerou que algumas delas carregavam presságios do *Armageddon* que ele já vinha prevendo, mas ainda pouco externalizava. Entre as faixas, uma lhe chamou mais a atenção: *Helter Skelter*, composta por Paul McCartney. Charlie compreendeu que essa música dava o nome formal ao cataclisma vindouro. Assim, misturando as notícias sobre o agravamento das tensões e revoltas populares nos EUA, algumas passagens do Antigo Testamento e as canções da banda inglesa, o assassino formulou uma revelação apocalíptica, passando a pregá-la para seus seguidores.

Manson afirmava que os *Beatles* eram quatro seres que foram trazidos à Terra diretamente pelos anjos com a missão de encontrarem o quinto membro do grupo, que era ele mesmo. Juntos, eles deveriam conquistar seguidores e procurar o “poço sem fundo” localizado em algum lugar no deserto do *Vale da Morte*, nos EUA. O buraco funcionaria como uma espécie de *arca*, onde os membros da *Família* se abrigariam do conflito racial que se alastraria pela Terra nos próximos anos. Charlie entendia que os povos oprimidos do mundo, em sua maioria negros, se revoltariam contra os opressores, os brancos, e assumiriam o poder. Ele dizia que “(...) os negros matariam a maioria dos brancos e escravizariam os sobreviventes opressores, o que era justo. Os brancos haviam feito dos negros seus escravos e agora os papéis seriam invertidos” (GUINN, 2014, paginação irregular). Por isso, Manson e seus seguidores deveriam fugir para o “poço sem fundo” onde se esconderiam por tempo indeterminado. Ali, a *Família* deveria se reproduzir até alcançar o número de 144 mil pessoas – número referente às doze tribos de Israel, presente no livro bíblico do Apocalipse. “Enquanto isso, os negros descobririam que não tinham inteligência e organização suficientes para governar o mundo. Então Charlie e a *Família* emergiriam do poço sem fundo e tornar-se-iam governadores reconhecidos. Charlie, obviamente seria o primeiro entre eles” (*Ibidem*, paginação irregular).

A demora para o início da suposta guerra racial não significava um furo em sua profecia, mas era compreendida por Manson como uma prova da deficiência intelectual dos negros. Então, ele entende que seu grupo deveria dar o primeiro passo no desencadeamento do apocalipse. Os assassinatos teriam os intuitos de arrecadar dinheiro



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

para veículos e provisões, livrar alguns membros do grupo da cadeia e atrair a atenção midiática e policial, dando o impulso que faltava para *Helter Skelter*. Para isso, os assassinos deveriam escrever nas paredes das cenas dos crimes, com o sangue das vítimas, palavras usadas pelos Panteras Negras para se referirem aos brancos ou à polícia. Além dessa tática, num dos casos, Manson abandonou a carteira de uma das vítimas no banheiro de um posto de gasolina num bairro negro de Los Angeles. Ele pensava que essa prova completaria as peças necessárias para o desencadeamento da guerra racial.

Em 1971, após um longo julgamento, Charles Manson foi condenado à pena de morte pelos homicídios de Sharon Tate e outros. O assassino só não foi executado por causa da abolição desse tipo de pena no estado da Califórnia enquanto ainda estava no corredor da morte, no ano de 1972. Porém, ele continuou a atrair a atenção pública, recebendo inúmeras cartas e pedidos de autógrafo. O mistério e o fascínio que pairavam em torno de Charlie levaram à produção de livros e filmes acerca de sua história. Entre as obras, encontramos o filme *Manson* dirigido por Robert Hendrickson e Laurence Merrick, lançado e nomeado ao Oscar de melhor documentário em 1973. Essa obra cinematográfica foi também apresentada em Paris por volta dessa época, atraindo a atenção do público. Desse modo, o documentário foi o responsável pelo encontro do crítico e ensaísta francês Paul Virilio com o caso de Manson.

2 Manson segundo Paul Virilio

O autor escreve sobre Manson no final do capítulo intitulado *A Moralidade do Fim* presente em seu segundo livro *Essai sur l'Insécurité du Territoire*. Segundo Virilio, o assassino agia unicamente no intuito de salvar sua realidade (Virilio, 1999). O mais importante nessa afirmação do ensaísta francês é justamente o artigo possessivo “sua”, porque ele indica que a realidade já não poderia mais ser definida num tipo de esfera comum, apenas individualmente. Manson não considerava nenhum caminho alternativo que pudesse resultar, por exemplo, numa repactuação social; o curso da história estava claro e se direcionava em seu delírio inevitavelmente a *Helter Skelter*; todos os fatos,



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

inclusive aqueles que, interpretados de outro ângulo, poderiam contrapor sua previsão, somente confirmavam sua fantasia.

Nesse mundo próprio, prestes a entrar em colapso, Manson objetivava salvar a si mesmo e a seu séquito, fugindo para o buraco sem fundo no deserto, ao mesmo tempo em que acreditava que eles deveriam dar uma contribuição, um impulso, para o desencadeamento do apocalipse que ele havia vislumbrado e que o conduziria ao poder. Assim, a *Família* precisava agir para acelerar o tempo e antecipar o futuro que já estava no horizonte, mas insistia em não chegar.

Então, por que Manson, que afirma ter sido o espectador atento de quatorze mil crimes na televisão, não atravessaria apenas as paredes crepusculares dessa sociedade fantasma em que tantos mortos e atrocidades, tantas ruínas reais ou simuladas, nada mais são do que imagens caleidoscópicas de uma morte mais geral, a morte do mundo em que ele vive? (*Ibidem*, p. 48; tradução nossa)

Virilio afirma que “o que chama a atenção em Manson e sua família não é a atrocidade de seus crimes, senão que o crime tenha se tornado para eles um segundo estado de natureza” (*Ibidem*, p. 49; tradução nossa). Para o autor, o assassino não errou no diagnóstico do colapso social de sua época, embora estivesse obviamente enganado sobre as causas e o futuro. De todo modo, Virilio considera que os crimes de Manson estão longe de representar um fato excepcional na história contemporânea. O ensaísta francês anuncia uma inversão no regime que impera no mundo atual: “Manson somente pretende tomar a dianteira da ordem estabelecida, não ir contra ela. Seus crimes não são mais do que uma compreensão demasiado precoce dessa ordem” (*Ibidem*, p. 49; tradução nossa). E ele conclui:

Sua utopia criminal e os últimos assassinatos cometidos em 1969 por sua família alcançam o horror das premonições dos projetistas dos anos sessenta, tal como as dos projetistas dos anos vinte que haviam projetado a guerra total. O teatro é mais difuso, uma nova situação social ou, melhor ainda, infrassocial – a guerra civil total –, quer dizer, toda a problemática deste fim de século. (*Ibidem*, p. 49; tradução nossa)



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Nesse sentido, Paul Virilio considera que os crimes cometidos por Manson e sua família são parte do panorama histórico em que a “guerra civil total” deixou de ser um estado de exceção para se tornar a norma social permanente no final do século XX. Assim, Manson seria ao mesmo tempo um efeito e um instrumento nesse programa que configura a paisagem contemporânea. Nas palavras do autor, o assassino seria um tipo “antissocial”, um “promotor do Estado Suicida”, alguém que, “(...) em lugar de propor objetivos vitalistas, descansa sobre a exploração sempre mais avançada de nossos instintos de morte” (*Ibidem*, p. 36; tradução nossa).

Segundo Virilio, Charles Manson não significou um acidente de percurso, senão um produto autêntico e um instrumento bastante útil desse processo pretensamente civilizatório que nos conduziu na verdade ao atual estágio da normalização do estado de exceção. Portanto, o assassino estaria na vanguarda das tendências que governam nosso tempo; e seus crimes seriam reencenados de forma cada vez mais violenta. Desse modo, podemos considerar Brenton Tarrant e Anders Breivik como continuadores da obra de Manson, contribuindo para a difusão e a promoção da guerra civil total e permanente, a formação daquilo que Virilio pensou como a Antissociedade.

3 A Antissociedade em Paul Virilio

Se quisermos compreender a antissociedade em Paul Virilio, devemos, antes, percorrer os argumentos do autor sobre as origens desse fenômeno, a partir da Segunda Guerra Mundial. O ensaísta francês considera que “a Segunda Guerra é um reservatório de sentidos indispensável para o conhecimento da segunda paz, a nossa paz” (Virilio, 1999, p. 10; tradução nossa). Segundo Virilio, a guerra total praticada dos dois lados do conflito significou um umbral, um ponto de não-retorno, pois suas inovações técnicas nos campos dos armamentos, dos transportes e das comunicações produziram uma nova configuração geopolítica. A conquista aérea com a utilização recorrente dos aviões no combate levou ao fenômeno da verticalização do mundo. Para Virilio, a partir de então, nossa vida horizontal e bidimensional girou de maneira completa; doravante, o poder já



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

não se encontrava nos horizontes terrestre e marítimo, mas no acima atmosférico; as cidades que exibiam outrora o orgulho burguês, agora, se fragilizavam ao extremo e se assemelhavam a castelos de cartas prontos a serem varridos pelos ventos decorrentes da força dos explosivos. Essa era inaugura uma situação diferente para na história urbana, porque todas as cidades se tornaram portos de um novo litoral, o Litoral Vertical.

Porém, a Segunda Guerra Mundial não apenas definia o presente, mas também era prospectiva de um outro salto na história da velocidade. Se os aviões eram máquinas capazes voar pelo desenvolvimento da velocidade, eles antecipavam o lançamento dos primeiros foguetes estratosféricos. Nas palavras do autor, nesse novo estágio,

(...) o espaço militar que, há séculos, marcou os territórios da história, retirou-se repentinamente do solo para alcançar as camadas superiores da atmosfera, enquanto aguardava sua órbita com o lançamento do primeiro satélite espião e sua emancipação definitiva na primeira viagem à lua, em julho de 1969. (Virilio, 1994, p. 197; tradução nossa)

Segundo Virilio, o satélite se torna um objeto paradigmático para a compreensão da atualidade. Ele é uma máquina resultante da coalescência dos campos da guerra, do transporte e da comunicação, produzindo um ponto de vista planetário ao realizar o que ele chamou de *Escape Vertical*. Em *A Condição Humana*, Hannah Arendt (2005) dizia sobre como o satélite artificial veio a consolidar o ponto de vista arquimediano, pensado abstratamente nas origens da Era Moderna. Virilio parece endossar essa leitura, mas vai além, pois tal artefato híbrido marca uma nova era na história da aceleração, produzindo transformações nas condições políticas. Nas palavras do autor: “No passado a altura da torre indicava a extensão das posses senhoriais, atualmente a altura dos pontos de vista satelitizados indica o imperialismo planetário (...)” (Virilio, 1999, p. 09; tradução nossa). Novo alcance de um poder que, ao se colocar nos limites estratosféricos, poderia agora olhar o planeta de um outro ponto de vista. A invenção do satélite contribui para a consolidação das duas potencias espaciais de pleno direito, os EUA e a URSS.

A conquista do espaço, estágio antecipado pela verticalização promovida pela Segunda Guerra Mundial, configurou, assim, um novo regime político que não era mais



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

fundado nas matrizes do território ou do oceano, como os Estados-Nações e os Império Britânico, mas num ponto de vista planetário gerado pelo alcance da velocidade de liberação. Esse novo regime político, ao alcançar a totalidade planetária, se tornou, de fato, geopolítico. A Guerra Fria e o posterior alinhamento entre os dois blocos que promovem uma espionagem global – conforme é observado pelo autor na sua análise dos acordos de Nixon e Brejnev (*Ibidem*) – descortinaram uma situação inercial em que a própria guerra se inviabiliza pela presença das bombas atômicas. As armas nucleares produziram um alinhamento entre os dois lados a partir de uma dissuasão obrigatória. As duas potências não poderiam mais se combater, senão em conflitos secundários ou no campo do desenvolvimento tecnológico. As economias capitalista e socialista se tornaram, assim, formas de guerra e se militarizam. Enquanto isso, o planeta inteiro se submetia a uma paz forçada sob o equilíbrio do/pelo terror.

Graças ao seu impulso, o foguete estratosférico poderia praticar a velocidade de liberação, que liberaria a guerra de todas as restrições, mergulhando as sociedades humanas em uma dissuasão obrigatória, em um equilíbrio do terror compartilhado que em breve levaria a Europa e o resto do mundo à agonia da angústia coletiva, relativa não mais a uma ou a outra população, a esta região em extinção ou a outra coisa, mas ao futuro da humanidade. (Virilio, 1994, p. 197; tradução nossa)

Virilio nomeia a configuração geopolítica da paz forçada como Globalitarismo (Armitage; Virilio, 2000), um neologismo criado pela fusão das palavras Globalização e o Totalitarismo. O equilíbrio de terror globalitário, originado do novo panorama iniciado após a Segunda Guerra Mundial, leva a um impasse que se prolonga mesmo após o final da Guerra Fria. Por isso, o ensaísta diz:

(...) A administração do medo tem retomado o serviço ativo, marcando um umbral para as sociedades ocidentais, o final de uma alternativa, velha de muitos séculos, entre paz e guerra; a passagem de um estado de guerra total para um novo estado desconhecido: a ‘paz total’. (VIRILIO, 1999, p. 18; tradução nossa).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Esse novo regime não significa uma paz verdadeira: ele é a consolidação de um macropoder sideral que, ao conquistar dimensões planetárias, se volta para o interior dos territórios, produzindo a *endocolonização*, que atinge até mesmo níveis celulares (Armitage; Virilio, 2000), em nome de Paz Total, a paz por inanição (Virilio, 1999). Ou seja, tal regime, gestado por um imperialismo planetário, é a manutenção de um *Estado de Sítio Global*. Assim, Virilio enxerga uma inversão do próprio significado clássico da guerra: se Clausewitz (2007) definia, em sua obra *Von Krieg*, a guerra como a política continuada por outros meios, agora, segundo nosso autor, a política da endocolonização passou a ser a extensão da guerra por outros meios (Virilio, 1999). Portanto, o Estado Político de outrora se converte em Estado Policial que deve não apenas gestar, mas produzir um conflito permanente no interior das sociedades, pois é desse conflito que ele se alimenta, praticando, assim, o que o autor chamou de *Gangsterismo Oficial (Ibidem)*, a proteção estatal em troca de tributos, entre os quais, se encontra as liberdades e as vontades dos seres humanos.

O *Estado de Sítio Global* é uma nova forma de controle diante de uma *Guerra Civil Total*. Suas técnicas foram inspiradas no modelo formulado por Hitler para a defesa da *Europa Festung* na Segunda Guerra Mundial. Por um lado, a promoção e a difusão de um medo geral que atua como afeto político e produz um engajamento ativo dos indivíduos na tarefa da defesa do território. Por outro, a expansão de uma rede de comunicação e informação capaz de interligar a cabeça do Estado ao corpo composto pelos indivíduos, liberando os processos de delação massiva – que foi uma das formas de engajamento civil para o habitante da Cidadela hitlerista (Virilio, 1994). Para Virilio, o terror produz um esvaziamento político das cidades, tornando os cidadãos novamente trogloditas, habitantes da noite, aprisionados em suas próprias casas. O medo também leva à urgência da denúncia de todo e qualquer movimento suspeito: esse é o início da intensa exposição social que instaura a desconfiança no cerne da sociedade, justificando a proliferação dos sistemas de segurança, vigilância e punição, a fragmentação espacial, a judicialização e militarização da vida cotidiana, o crescimento dos processos higienistas, a funcionalização das cidades etc. Enfim, trata-se do alastramento das



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

técnicas de controle, antes, restritas às colônias, no interior dos grandes centros urbanos da Europa ou mesmo dos Estados Unidos.

A função de proteção do Estado, que se torna cada vez mais militarizado, é justificada pela guerra civil instalada no cerne na sociedade. Esse é o panorama de uma intensa fragmentação social que produzirá a antissociedade, cujo modelo também tem origem na Alemanha nazista.

(...) essa infrassociedade se torna irreconhecível, porque em seu centro cada um toma uma pequena parte no ‘crime geral’, cada um tem um campo de participação a medida de sua imaginação criminal e ignora tudo, ou quase tudo, acerca da dimensão e da natureza do campo geral em que se move e atua. Os criminosos de guerra não explicavam sua contribuição à ascensão do totalitarismo nazista, por causa da ignorância em que cada um deles se encontrava acerca do alcance real das ações de cada um. Todos acreditavam se aproveitar de aparências enganosas, mesmo quando em tal caso todos haviam sido enganados: em conjunto, devido à natureza arbitrária da infraestrutura aparente e, ao mesmo tempo, em separado, devido à capilaridade secreta dessa infraestrutura, formando tudo isso uma força terrível, sua força, e, contudo, incapazes de reconhecê-la como seu próprio produto se não de outra maneira que sob a forma pernicioso do terror indizível que lhes causa. (Virilio, 1999, p. 42; tradução nossa)

A antissociedade é essa formação social cuja característica não é a presença de uma “força inconsciente coletiva”, mas a pulverização da própria consciência coletiva, a “(...) perda geral do sentido comum que normalmente deveria moralizar e subjazer a organização social e suas ações” (*Ibidem*, p. 43; tradução nossa). E Virilio continua:

À medida que cada um, cada grupelho ou cada seita, se afunda em sua obra noturna e trabalha secretamente em embelezá-la, a sombra e a solidão se fazem mais espessas ao redor de si, a realidade obscurece, já não há bem ou mal, só o temor e o terror infligidos ou sofridos. (*Ibidem*, p. 43; tradução nossa)

O desaparecimento dos seres humanos das cidades, a perda do sentido comum, o fim dos encontros cotidianos típicos dos centros urbanos, a desertificação do espaço político por excelência, produzem uma incompreensão acerca do panorama geral da



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

atualidade. A antissociedade se instala e “(...) ninguém se dá conta disso, porque dia após dia aumenta a distância entre a realidade objetiva e a consciência que temos dela” (*Ibidem*, p. 40; tradução nossa). A guerra civil total se torna um modo de gestão das sociedades humanas que nos fazem justificar o nascimento de uma sociedade militarizada. Se a tecnocracia militar retira seu poder e justificativa da antissociedade, por que ela iria solucioná-la? Se trata de *administrar o medo*, tanto no sentido usual de gestão, quanto no sentido médico, de determinar a quantidade correta de um certo medicamento. Segundo Virilio, essa sociedade militar engendra cada dia mais um poder tecnológico autônomo. O autor resume:

O poder tecnológico se instalou nessa dessincronização de nossa consciência sem que nos cuidemos disso, pois o mais além de um poder despovoado está dado pela imagem desaparecida do cidadão que vive na cidade, mas já não se mostra nela, que se refugia na toca do seu imóvel, de seu automóvel, por trás de sua função administrativa e de seu mundo de instrumentos. (*Ibidem*, p. 41; tradução nossa)

Essa configuração infrassocial se alastra e produz uma nova realidade para as cidades. Sobre isso, Virilio diz: “O louco e o assassino são os filhos legítimos que o Estado Suicida engendra e reconhece. A nova megalópole é seu berço, seu lugar de detenção para a perpetuidade. A expiação é de agora em diante geral” (*Ibidem*, p. 36; tradução nossa). O autor define o Estado Suicida como a formação política, ou melhor, policial, que se retirou da história inviabilizando qualquer tentativa de transformação efetiva do sistema. Portanto, trata-se de um regime de poder anônimo e autônomo, propiciado pela ascensão da tecnocracia militar, precedendo um *Deus Ex Machina* tecnológico e satelitizado. Isto é, um sistema maquínico de administração do/pelo medo, um centro decisório desertificado do elemento humano, mas inteiramente responsável pela gestão da antissociedade e da antipolítica, a colonização total dos movimentos, do espaço e do tempo humanos.

Nesse ponto, podemos entender melhor o papel desempenhado pelos antissociais na história que rumo para a consolidação Estado Suicida. Manson, Breivik e Tarrant, ao assumirem a violência como único modo de salvar suas fantasias individuais, ‘suas’



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

realidades, explorando nossos instintos de morte, disseminando do medo, colaboram para a justificação da expansão do sistema tecnocrático e tecnológico. Esses assassinos contribuem para aprofundar a desconfiança geral que se instala entre os cidadãos do novo Estado Totalitário Global, disseminando uma forma de afeto que leva à implosão do social e à impossibilidade do estabelecimento de novos sentidos comuns que possam refundar a sociedade. Para Virilio, suas ações engendram um novo tipo de guerra civil:

De agora em diante, a guerra civil se torna útil para a manutenção da ordem das instituições, mas uma guerra civil de um novo gênero, na qual os conflitos de grupos são ínfimos, mas exageradamente multiplicados, um pouco como sucede na família, na qual um ódio sórdido substituiu os sentimentos filiais e na qual os menores gestos se tornam odiosos e não têm outra resultado do que o de manter os laços de um ódio coletivo; a decomposição da sociedade nacional se traduz nos gestos familiares e nas associações mais ordinárias. O Estado moderno, já temos visto, não é mais que uma mãe abusiva, a familiaridade deverá se converter, pois, na segunda natureza da polícia, desta polícia que se aproxima insensivelmente de cada um de nós antes de se identificar integralmente como cada um de nós, ao ponto de se tornar inútil a polícia mesma, porque bastaria o exército para controlar tal tipo de sociedade. (*Ibidem*, p. 174; tradução nossa)

A guerra civil e o ódio coletivo produzem apelos populares por mais proteção por meio de normas, vigilância e punição. Desse modo, o Estado se distancia cada dia mais de sua função política para se tornar uma mera prótese policial que, doravante, será munida de um arsenal eletrônico avançado e interconectado – câmeras de vigilância e dispositivos de reconhecimento facial, entre outros, ligados diretamente aos bancos centrais de dados. Doravante, “(...) somos contados, pesados, auscultados, até em nossas temperaturas, que os sensores infravermelhos medem para adivinhar nossos deslocamentos e surpreender nossos gestos” (*Ibidem*, p. 156; tradução nossa). Ou seja, em nome do mantra generalizado da segurança, renunciamos à liberdade de movimento e à privacidade, somos assediados continuamente por um poder policial autônomo, automatizado e armado com suas novas armas informativas/comunicativas.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

4 Mediatização e a Formação da Antissociedade

Finalmente podemos indagar o modo como as mídias participam da formação da antissociedade segundo Paul Virilio. Já introduzimos mais ou menos esse tema ao comentarmos o lançamento dos satélites. Para o ensaísta, eles são objetos paradigmáticos porque são produtos de uma nova etapa da história da aceleração humana, praticando a velocidade de liberação, ao mesmo tempo em que promovem a coalescência das tecnologias de guerra, de transporte e de informação/comunicação. Em relação ao último campo, os satélites não são apenas produtos de uma aceleração, mas são instrumentos que operacionalizam a rápida transmissão de dados e informações, possibilitando pela primeira vez na história os efeitos de tempo real, instantaneidade e ubiquidade do poder. E essa revolução no terreno da informação/comunicação produziu transformações até mesmo no campo da guerra:

A descoberta de novos sistemas de armas, que se tornaram possíveis pela conquista do espaço sideral ao longo dos anos sessenta, bem como a pela evolução da ciência da computação ao longo da década seguinte, favoreceu a qualidade na apreensão de objetivos em vez das enormes quantidades de cargas explosivas convencionais e não convencionais. (Virilio, 1994, p. 201; tradução nossa)

Segundo Virilio, as “armas de comunicação” adquiriram a supremacia sobre os armamentos tradicionais ou de destruição massiva. Desse modo, os satélites se tornam máquinas informacionais/comunicacionais essenciais às guerras contemporâneas; seu poder consiste menos em produzir a destruição direta do adversário do que em impossibilitar o combate, o que o ensaísta chama ironicamente da produção da não-batalha, como ocorreu no caso da *Guerra do Golfo Pérsico*, marcada pela inércia:

(...) a inércia de um inimigo iraquiano sem capacidade de manobra, a inércia de uma força aérea presa ou obrigada a fugir para o exílio... a inércia do comando central aliado, com todas as técnicas de telecomunicações instantâneas à sua disposição, impedindo quaisquer movimentos militares que não os de sua própria força aérea. (*Ibidem*, p. 203)



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Essa inércia só será alcançada no momento que as armas comunicacionais se tornam tecnologias fundamentais ao campo militar. Funda-se aí um jogo de ver sem ser visto, a possibilidade agir sem receber qualquer a reação... Finalmente, as potências militares podem causar o *efeito surpresa*, buscado ao menos desde a invenção da *Fleet in Being*, tentativamente realizado pela *Blitzkrieg* hitlerista. Essa nova configuração do poder macropolítico dissemina uma atmosfera de apreensão geral. Por isso, o satélite se tornou uma infraestrutura fundamental para a consolidação da *paz total* e da nova modalidade do poder globalitário.

Vimos que a *paz total* está longe de significar uma paz verdadeira. Ela significa a ampliação e a disseminação dos sistemas de espionagem, vigilância e controle que objetivam a pacificação forçada no quadro geopolítico, ao mesmo tempo em que produzem uma pressão *Endocolonial* que atua nos territórios nacionais. Nesse âmbito micropolítico, atravessado pela coerção do sistema, o que se percebe é a expansão das regulações e do policiamento sobre a vida, justificados pela instalação da desconfiança e do medo no cerne das sociedades. As cidades se tornam zonas de vigilância permanente, coagidas pela força de um estado cada vez mais militarizado. Essa ubiquidade e instantaneidade do controle é propiciada pelo fenômeno da “inversão dos meios de comunicação de massas” (Virilio, 1999, p. 155; tradução nossa), isto é, pela utilização de tecnologias que, antes, eram utilizadas para a produção cultural, como as câmeras, para a vigilância permanente da sociedade. Desse modo, Virilio nos permite pensar essa imbricação dos campos da cultura e da guerra – como ele analisa em *Guerre et Cinema*.

Contudo, o ensaísta também pensa a participação dos tradicionais veículos de comunicação de massa no quadro político contemporâneo. Para isso, ele se utiliza de casos ocorridos na França:

(...) o referendo sobre a Europa foi na França um modelo interessante. Na realidade, a campanha de propaganda começou com uma exposição de escândalos de corrupção que desvalorizava tanto os eleitos pela maioria como os representantes dos grandes corpos de Estados ou os dignitários locais. Um fato revelador: a televisão e a rádio



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

governamentais, em vez de abafar a coisa, a observaram com prazer durante meses. Nos fatos, se apontava para o caráter comum de representantes de instituições, de todas essas personagens tão diversas; o que se assinalava com precisão era o *intermediário humano, demasiado humano*, e por isto acessível às tentações do poder. Graças a essas manobras, se empurrava o corpo social à crítica irracional – quer dizer, negativa – da instituição; e rapidamente esse corpo social já não se mostrava ávido pela mudança institucional: de agora em diante se sentirá cansado de *toda instituição de caráter humano* e isto é o que finalmente ia se refletir no escrutínio. Excelente notícia para a tecnoestrutura e, em troca, presságio sombrio para os intermediários sociais e para o corpo social mesmo. (*Ibidem*, p. 38-39; tradução nossa)

Assim, o que ocorre é a promoção de um poder que deve se despir de todo caráter humano. As empresas de comunicação contribuem para a difusão das ideias de um governo tecnocrático e tecnológico, isto é, a formação de um Estado administrado automaticamente e oposto à própria democracia, pois “se as instituições democráticas nos moraram constantemente os limites demasiadamente humanos de suas dimensões, isso não poderá acontecer com o novo Estado em que as medidas serão sobre-humanas e, portanto, inumanas” (*Ibidem*, p. 39; tradução nossa). Ou seja, as mídias promovem o “despovoamento dos canais de poder”, contribuindo para a formação do Estado Suicida, a militarização da sociedade, o fim da possibilidade da formação de um novo sentido comum capaz de refundar a sociedade.

Essa paisagem sem saída construída a partir do caráter demasiadamente humano das instituições também contribui para a difusão do medo social. Segundo Virilio, Hitler e o corpo de ministros do Terceiro Reich foram pioneiros na gestão desse afeto político. A *Administração do Medo* passava em grande medida pela própria propaganda disseminada pelos meios de comunicação como os folhetos, os cartazes, o cinema e o rádio. Sobre isso, o autor se lembra de uma experiência de sua infância em meio à zona de guerra em que os cidadãos franceses eram estimulados a cavar trincheiras em seus quintais para se protegerem das bombas lançadas pelos aviões aliados. Para completar a difusão do terror, “fotomontagens de ruínas foram construídas como se Paris já tivesse sido destruída; o desastre da guerra total foi prefigurado para levar as populações ocupadas a temer mais do que a ter esperança em sua libertação após a queda (...)”



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

(Virilio, 1994, p. 28-29; tradução nossa) da Fortaleza Europeia construída pelo regime nazista.

Paul Virilio nos faz pensar, assim, sobre os efeitos dos meios de comunicação em nossas condições perceptivas, epistemológicas e políticas, a partir da difusão de um medo generalizado. O fim das distâncias possibilitado pelas mídias, a ubiquidade e a instantaneidade significam uma estimulação constante de nossa percepção, assolada pelo terror. Tudo o que estava distante, agora, está mais próximo a nós, não existe mais lugares suficientemente seguros. A insegurança funda um novo mercado: o mercado privado da segurança. Ele é o complemento do *Gangsterismo Oficial* do Estado Militar que tende à hipertrofia, promovendo a implementação do *Estado de Sítio* permanente diante da guerra civil total. Enfim, as mídias participam desse novo regime, fornecendo possibilidades variadas de vigilância e espionagem, além da difusão do medo que produz os clamores populares pelo despovoamento do campo político.

Considerações Finais

Esse trabalho visou percorrer os caminhos de pensamento do ensaísta francês Paul Virilio, observando o modo como constrói o argumento da participação da midiatização na produção da antissociedade. Iniciamos com as análises dos casos dos antissociais e o modo como podemos relacionar os terroristas de hoje com Charles Manson. Vimos como Virilio caracteriza Manson como um típico antissocial, efeito e instrumento da nova configuração coletiva chamada antissociedade. Mostramos como Virilio a caracteriza, explorando suas raízes históricas na Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria, entendendo-a como uma forma de Guerra Civil Total programada por um sistema que dia após dia se torna cada vez mais militar, tecnocrático e tecnológico. Por último, posicionamos as mídias no interior desse sistema, argumentando que elas funcionam como instrumentos para esse novo regime de cunho Global, que se expande de modo tentacular para o interior dos territórios.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Contudo, não se tratou aqui de assumir afirmativamente os argumentos do autor tal qual ele os construiu. Na verdade, buscou-se evidenciar a possibilidade de lançarmos novos olhares, questões e hipóteses para abordarmos o fenômeno da mediatização. Por exemplo: e, se ao contrário do que geralmente se assume nas visões tecnoutópicas, as mídias participassem de uma ordem que ruma, não para um progresso, senão para o fim? E se, ao invés de consolidar uma sociedade pacificada, estivessem elas produzindo uma implosão do social, a formação de uma antissociedade?

Paul Virilio é um autor provocante porque ele parece inverter nossas crenças mais profundas acerca do poder das tecnologias de comunicação em nossa sociedade. Suas ideias nos permitem pensar numa configuração de forças, num regime de poder, calcado numa infraestrutura info-comunicacional, que conduz ao engendramento de um verdadeiro *Estado de Emergência*. Nesse quadro geral, os seres humanos parecem estar encerrados entre os mais variados tipos de medo – do espaço, da cidade, do outro – e a urgência que inviabiliza o encontro, a contemplação, o pensamento, em favor de um automatismo. O *Estado de Emergência* criado pela *Administração do Medo* é, portanto, uma forma de controle totalitário dado que inviabiliza o nascimento de um sentido comum capaz de refundar a sociedade. Assim, Paul Virilio parece nos dar a chave para pensarmos o fim da alteridade histórica produzido pela gestão dos desencontros.

Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10. ed. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2005.

ARMITAGE, John; VIRILIO, Paul. From modernism to hypermodernism and beyond: an interview with Paul Virilio. In: Paul Virilio: from modernism to hypermodernism and beyond. London: Sage, 2000, p. 25-56.

BREIVIK, Anders. 2083: An European Declaration of Independence. Sem Editora: Londres, 2011. Disponível em: https://fas.org/programs/tap/docs/2083_-_A_European_Declaration_of_Independence.pdf. Acessado em 15 de junho de 2019, às 18h20.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

CLAUSEWITZ, Carl von. On War. Oxford: Oxford United Press, 2007.

GUINN, Jeff. Manson: a Biografia. Darkside: Sem Local, 2014.

Sem Autor. Ataques a tiros em mesquitas na Nova Zelândia deixam 49 mortos. Folha de São Paulo. São Paulo, 14. Mar. 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/mesquita-na-nova-zelandia-sofre-ataque-a-tiros.shtml>. Acessado em 15 de junho de 2019, às 18h00.

Sem Autor. Atirador norueguês queria matar políticos do partido trabalhista. O Globo, Rio de Janeiro, 18. Nov. 2011. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/atirador-noruegues-queria-matar-politicos-do-partido-trabalhista-3267638>. Acessado em 15 de junho de 2019, às 18h05.

VIRILIO, Paul. Bunker Archeology. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1994.

_____. La Inseguridad del Territorio. Buenos Aires: La Marca, 1999.

TARRANT, Brenton. The Great Replacement. Sem Editora: Sem Local, 2019. Disponível em:

https://www.ilfoglio.it/userUpload/The_Great_Replacementconvertito.pdf. Acessado em 15 de junho de 2019, às 18h30.